

O Comércio Internacional de Golfinhos Selvagens

Valdelane Azevedo Clayton¹

Desde tempos imemoriais, a humanidade dedica uma profunda fascinação pelo golfinho. E pode - se dizer que um forte laço de amizade, e às vezes até mesmo místico, tem existido entre humanos e golfinhos. Na antiga Grécia, o assassinato de um golfinho era considerado um sacrilégio contra os Deuses e punido com a morte. Esse decreto baseava-se em parte em intuição espiritual, e em parte, por admiração e apreciação da alta inteligência e compaixão dessas criaturas. Nas palavras do filósofo Plutarco, golfinhos são as únicas criaturas que procuram amizade por razões puramente altruísticas, sem nenhum pensamento de ganho pessoal. As lendas, mitos, mosaicos e afrescos da civilização grega representam golfinhos resgatando pessoas em naufrágios ou por vezes sendo montados por crianças. No entanto, talvez a maior homenagem humana aos golfinhos é o mito do oráculo de Delfos, local considerado o umbigo da Mãe Terra, onde Apolo, o benevolente deus que manifestava-se em forma de golfinho, servia de intérprete entre o seu pai, Zeus, e a humanidade².

No entanto, enquanto golfinhos eram venerados pelos gregos, os romanos simplesmente os matavam e os comiam. Esses extremos de percepção ainda persistem hoje, no mundo moderno. Estórias de golfinhos enfrentando tubarões para salvar banhistas ainda são ouvidas. Porém, essas histórias são abafadas por estórias de cruéis caças aos golfinhos pelo mundo. Ademais, esses magníficos cetáceos estão em vias de extinção por causa das atividades humanas tais como a poluição e contaminação dos oceanos por pesticidas, metais pesados, plásticos, poluição industrial e agrícola. Além disso, métodos da indústria pesqueira, como o uso de redes, *pursui sene*³, e as caças aos golfinhos também são atividades que estão contribuindo para a extinção. De fato, dentre

¹ Valdelane Azevedo Clayton é ativista e advogada, inscrita na seção de São Paulo. Atualmente mantém residência em Austin, capital do estado Norte Americano do Texas. É colaboradora de David Favre no Animal Legal and Historical Web Center: <http://www.animallaw.info/>

² The Rose-Tinted Menagerie a History of Animals in Entertainment, from Ancient Rome to the 20th Century

³ Método de pesca de atum(inserir mais informação)

todas as ameaças a existência dos golfinhos, talvez uma das maiores seja a caça aos golfinhos, como por exemplo, o “drive fishery”⁴ no Japão. Anualmente em torno de 20.000 golfinhos são caçados e cruelmente mortos. Mais de 2.000 golfinhos são capturados vivos e transportados para diversas partes do mundo para servirem em programas de interação com humanos ou para servirem para a indústria de aquários e parques marinhos. Apesar que as caças ao golfinhos têm sido praticadas por séculos nas regiões costeiras do Japão, há suficiente evidência apontando a conexão entre o crescente número de aquários e parques marinhos e as caças e capturas de golfinhos no mundo contemporâneo (driven by demand).

De fato, com o crescimento da indústria do turismo, aquários, parques marinhos, como também hotel resorts que oferecem programas de interação com golfinhos, têm proliferado pelo mundo, principalmente nas áreas do Caribe, México, e Sul do Pacífico. Enquanto alguns golfinhos são nascidos em cativeiro, muitos golfinhos são capturados de seu habitat natural para suprir a demanda crescente e para substituir aqueles que morreram no cativeiro. Alguns países em desenvolvimento percebem a captura, o treinamento, e a exportação de golfinhos como uma oportunidade de gerar lucros econômicos. Um golfinho bem treinado pode alcançar um preço de 30 até 90 mil dólares cada um (linda M.B. Paul).

A Nações Unidas reconhecendo a ameaça de extinção dos golfinhos pelas atividades humanas, e reconhecendo-os como um “tesouro vivo”, declarou o ano de 2007, O Ano do Golfinho. Essa campanha tem como objetivo a conscientização acerca do golfinho selvagem e as atividades humanas que estão causando a extinção desses seres. No entanto, como é ressaltado no website das Nações Unidas, a campanha não visa os golfinhos em cativeiro, e racionalizam afirmando que por se tratar de uma campanha patrocinada pela UNEP (convention on migratory species of wild animals) que trata somente de animais selvagens e migratórios, os animais em cativeiro não estão incluídos nessa campanha. Mas, não estão os golfinhos selvagens sendo caçados para servirem para os aquários e parques marinhos? E não estão essas atividades tendo impacto incalculáveis na população de golfinhos selvagens? Então, seria imprescindível

4

Nome dado ao tipo de técnica de caça aos golfinhos usados no Japão

que as Nações Unidas também dirigisse suas discussões acerca das atividades da captura de golfinhos selvagem para o cativeiro, e questionar a necessidade de se manter golfinhos em cativeiro. Pois o comércio internacional de golfinhos para cativeiro está fomentando a capturas e caças ao golfinhos selvagem, causando um impacto ainda não calculado cientificamente nas populações selvagens nas regiões de capturas.

Assim, esse artigo demonstrará que existe uma conexão entre a indústria do cativeiro e as caças de golfinho selvagens. Além disso, apresentará argumentos científicos e éticos pelo fim do cativeiro de cetáceos, com a intenção de demonstrar que manter-se animais em cativeiro não presta-se a fins educacionais ou conservationistas, mas é uma atividade que visa somente ganhos financeiros. Como também, analisará as principais leis e tratados internacionais que têm como escopo a proteção do golfinho com o intuito de demonstrar que as atuais leis internacionais geralmente são meros regulamentos que não são suficientes para assegurar a sobrevivência desses magníficos animais não-humanos. E por fim, argumenta-se para a extensão de direitos fundamentais aos cetáceos, como vida, liberdade, e dignidade.

I – A Natureza dos Golfinhos

Golfinhos são mamíferos marinhos, baleias com dentes pertencentes a order *Cetacea*, subordem *Odontoceti*, família *Delphinidae* . Existem cerca de 40 espécies de golfinhos de água salgada, como os golfinhos listrados (*Stenella coeruleoalba*), [Golfinho-pintado-do-atlântico](#) (*Stenella frontalis*), [Gofinho-roaz](#), (*Tursiops truncatus*). Além desses, existem cerca de 12 espécies de água doce que são encontrados na América do Sul e Asia. (**inserir mais detalhes**)

Esses mamíferos marinhos viajam centenas de kilometros, com uma velocidade em torno de 40 km por hora. Mergulham até 20 metros e podem permanecer submersos por volta de 15 minutos. Cooperam entre si na busca e caça de comida, alimentam-se de pequenos peixes, crustáceos, e moluscos (Man et al.2000 in defense of the animals). Eles são altamente inteligentes, socialmente complexos, vivem e dependem do suporte de

grupos sociais, conhecidos como “pod” ou escolas, que são formados por unidades familiares.

Golfinhos são seres socialmente complexos, vivem em grandes famílias que são socialmente organizadas em hierarquias. Essas famílias, “pods” ou escolas, são formadas por volta de uma dúzia de membros. No entanto, quando as condições naturais são excelentes, como abundância de comida e ausência de predadores, essas famílias podem chegar até 100 membros. Assim como os humanos, esses mamíferos marinhos usam sexo por outras razões que apenas reprodução, o chamado “sexo social” (Connor and Peterson 1994; 112-14). E quando reproduzem-se, têm apenas uma cria de cada vez e em intervalos de mais de dois anos entre cada cria, existindo uma forte relação emocional entre mãe e filhote. Esses magníficos cetáceos desenvolvem uma forte conexão emocional entre si, e normalmente protegem seus familiares feridos ou moribundos. Muitas histórias atribuem genuíno altruísmo aos golfinhos (Norris and Dohl 1980). E golfinhos são reconhecidos por seus atos corajosos de defender não somente os de suas espécies mas como também outras espécies como humanos, focas, pinguins.

Recentemente, um outro fascinante aspecto cultural dos golfinhos foi recentemente observado por um grupo de pesquisadores australianos : O golfinho roaz ou nariz de garrafa (*Tursiops truncatus*) quebram esponjas e as usam como capa de proteção em seus bicos quando fuçam em busca de comida nos assoalhos dos oceanos, e ensinam suas filhas no uso destas ferramentas. Esse é um comportamento que é passado somente de mãe para suas filhas. Ressalte-se que este não é um comportamento genético mas sim um comportamento aprendido. (Connor and Peterson 1994:195-6)

Cetáceos possuem um dos mais complexos de sistemas naturais de comunicação no reino animal. Comunicam-se entre si por meios de vocalizações como estalos e assovios. Reconhecem-se uns aos outros por meios de seus assovios, e imitam assovios como meio de chamar-se uns aos outros (Caldwell and Caldwell 1971). Os golfinhos nariz de garrafa (*Tursiops truncatus*) possuem um assovio característico de cada indivíduo, como se fosse uma “assinatura pessoal”, que seria importante no reconhecimento de indivíduos e necessário para manter o grupo junto. Golfinhos no seu habitat natural, vocalizam assobios que serão imitados por outros grupos de golfinhos. Isso seria um exemplo de como os golfinhos dirigem-se uns aos outros individualmente. Eles estariam

usando assovios do mesmo modo que humanos usam nomes. Essa complexa capacidade de comunicação dos cetáceos é um indício de avançada inteligência, e recentes estudos afirmam que capacidade de comunicação, ou seja, a habilidade de transmitir informação, é similar á linguagem humana. Sendo assim, esses estudos sugerem que os cetáceos poderiam potencialmente estarem se comunicando em sua própria linguagem, e isso os fariam os unicos animais não-humanos a possuirem uma linguagem.

Um dos fundamentos dos argumentos contra golfinhos em cativeiros é que esses seres são altamente inteligentes. Ironicamente, é exatamente por serem inteligentes é que estes cetáceos são alvos da industria de parques marinhos, pois eles podem entender comandos dado por humanos e aprender truques para o entretenimento das massas. Como foi visto anteriormente, a alta complexidade da vida social dos golfinhos, o seu sistema de comunicação, o profundo laços emocionais de família, o uso de ferramentas, já por si só presumem uma grande inteligência, talvez somente comparável aos grandes primatas e ao homem. Mas quão inteligentes são essas criaturas?

Um dos métodos científicos usados para assessar a inteligência dos mamíferos marinhos é o quociente entre o tamanho do cérebro e a massa do animal. Apesar que o golfinhos têm um cerebro relativamente menor do que o do homem moderno, os golfinhos seriam pelo menos tão inteligentes quanto o homem pré historico. porém, esses estudos nao levam em conta muitas questões, como por exemplo, a estrutura do cérebro do golfinho é diferente da estrutura do cérebro humano. Além disso, a área do cérebro do golfinho responsável por sofisticados pensamento e cognição sao mais complexos e de maior volume do que os mesmos tecidos do cerebro humano. Um outro fator também negligenciado, é que os cálculos nao levam em conta que grande parte da proporção da massa do cetaceo é “blubber”, um tecido que não é mantido por nenhuma massa cerebral. Portanto, considerando esses fatos, é possível que a inteligência dos golfinhos é comparável com a inteligênica humana.

Golfinhos em cativeiro têm demonstrado excepcional inteligência, como por exemplo Phoenix e Akeakamai, dois golfinhos cativos mantidos no Hawaii (inserir mais detalhes) foram treinados em linguagem visual e acústica por meio de sinais dados com as mãos (hand signals). Os sinais referiam-se a objetos, ações, propriedades, e relações entre objetos. As sequência de palavras foram construídas de acordo com as

regras gramaticais da língua inglesa envolvendo a ordem de palavras, permitindo-se assim a combinação de mais de 200 palavras com significados diversos. Os golfinhos demonstraram plena cognição de sintaxe com distintas respostas para ordens como por exemplo, “ pessoa, prancha de surf, buscar” (traga a pessoa para a prancha de surf) e prancha de surf, pessoa, buscar (traga a prancha de surf para a pessoa). Os golfinhos também demonstraram a capacidade de executar duas ordens simultaneamente sem ter sido treinados para isso. Além disso, Phoenix e Akeakamai foram capazes de enter 4 frases novas, e foram capazes de coordenar suas respostas interagindo entre si.

Golfinhos também são auto-conscientes, e são capazes de reconhecerem-se a si mesmos no espelho(Reiss and Marino 2001). Eles também demonstram estarem conscientes de seus corpos, pois exibem uma capacidade extraordinária de imitar ações e posturas de outros animais como por exemplo pinguins, focas, e humanos. E também imitam a fala humana. (Connor and Peterson 1994: 188-91). Há também estudos que demonstram que golfinhos aprendem complexas rotinas apenas observando a performance de outros. É fácil presumir que golfinhos são conscientes socialmente, o que é demonstrado por sua complexa vida social como a presença de hierarquias e relações de longo termo, incluindo mãe – filhote matêm forte laços emocionais. (Norris and Dohl 1980).

Se golfinhos são capazes de moral julgamento ainda é controverso. Mas com certeza, golfinhos apresentam traços de personalidade que poderiam ser considerados virtudes humanas, como por exemplo coragem, e a ternura que nutre por seus familiares. A atribuição de altruísmo é uma constante característica atribuída ao golfinhos que são capazes de socorrer até mesmos outras espécies.

Por todo o exposto, julgando pelo sua vida social complexa, e sua habilidade de comunicação, golfinhos demonstram ser altamente inteligentes e capazes de agir intencionalmente. E o cativeiro, é uma prática cruel em si mesmo, e imoral, pois como veremos mais adiante.

II – História do Cativeiro

1913, C. H. Townsend, curador do aquário de New York , teve a idéia de exhibir golfinhos com intuito de atrair público. Assim, 5 golfinhos – roaz (*Tursiops truncatus*) foram capturados em Norte Carolina. Todos os golfinhos pereceram num periodo de 21 meses em cativeiro. No entanto, os espetáculos com golfinhos somente iniciaram-se em 1938 com o Marine Studios, um dolphinarium⁵ em St. Augustine, na Florida. Foi neste estabelecimento que descobriu-se que golfinhos poderiam ser facilmente treinados para apresentações e espetáculos. Nos anos 60, manter golfinhos em cativeiro para entretenimento tornou-se popular depois do filme Flipper e série de televisão de mesmo nome.

Em 1966, o primeiro golfinho foi exportado dos EUA para a Europa. Naqueles tempos, dolphinariums se alastraram rapidamente pois não havia legislação ou preocupação com o bem estar pelos cetáceos capturados. Todavia, em 1972, EUA adotou o [Marine Mammal Protection Act](#), que proibiu cidadãos americanos, sem a permissão do governo, de capturar golfinhos em qualquer parte do mundo, como também estabeleceu diretrizes mínimas para o cuidado com golfinhos em cativeiro. Essa nova legislação combinada com uma nova visão do publico com o bem estar animal e muitos dolphinariums fecharam suas portas.

No entanto, enquanto nos países desenvolvidos a frequência do público em parques marinhos têm decaído vagarosamente, os país em desenvolvimento estão caminhando em outras direção. O negócio envolvendo dolphinariums têm crescido rapidamente no Caribe, Mexico, e sul do pacífico. No caribe, por exemplo, existem 14 estabelecimentos em operação que oferecem programas “nade com golfinho” . E existem 7 ou 8 estabelecimentos em construção. Muitos desses estabelecimentos são apenas tanques de concreto, ou lagoas com problemas de fluxo de água. Nessas regiões normalmente não existem legislação estabelecendo regras para manter golfinhos em cativeiro ou os que têm legislação, não são rigorosamente executadas.

⁵ Dolphinarium são aquários para golfinhos

III – O empreendimento internacional de Aquarium e Parques Marinhos

O comércio internacional de golfinhos é uma atividade extremamente lucrativa. A empresa suíça International Dolphin Show (IDS), registrada em Liechtenstein, é uma das muitas empresas internacionais do cativeiro envolvidas em um mercado multi-milionário, que especializam-se na captura, treinamento, e venda de golfinhos.

O Estados Unidos é o líder mundial desse setor, oferecendo em torno de 9.000 empregos e uma orçamento por volta de um terço de um bilhão de dólares. Segundo a American Association of Zoological Parks and Aquaria (AAZPA), em 1975, o EUA tinha 1135 mamíferos marinhos em cativeiros, desses, 359 era cetáceos. Em 1983, esse número cresceu para 1341 animais marinhos de 27 diferentes espécies. Essas “exposições públicas de cetáceos com “fins educativos”, recebe mais de 130 milhões de visitantes por ano. (The Rose Tinted Managerie)

As atividades desse setor é envolto em segredos, pois a exploração de golfinhos em circos e parques marinhos depende da crença do público de que esses cetáceos estão felizes no seu confinamento. Uma ilusão que é cuidadosamente nutrida pelos relações públicas das empresas de aquariums e parques marinhos. De todos as espécies de golfinhos, o Tursiops truncatus é a espécie que sobrevive por mais tempo no cativeiro. A característica física dessa espécie, uma curvatura em seu bico que dá a falsa impressão de um eterno sorriso, o que ajuda esconder do público a dor, a miséria, e a alta mortalidade no cativeiro. Uma ilusão cuidadosamente nutrida pelos relações públicas das empresas de aquários e parques marinhos, para assim continuar com os altíssimos lucros financeiros obtidos com a exploração econômica desses mamíferos marinhos.

Até a década dos anos 80, EUA tinha capturado em torno de 1.500 golfinhos selvagens. Especula-se que até essa década, no mínimo 2.700 golfnhos-roaz foram capturados. De acordo com a International Whaling Commission, 4.500 pequenos cetáceos eram mantidas em cativeiro naquela década ao redor do mundo. No entanto, essas estatísticas não são realistas pois não levam em conta os animais que morreram no momento da captura, que muitas vezes excedem 50 % de mortalidade, incluindo fêmeas

grávidas e fêmeas com filhotes. Por exemplo, a empresa suíça International Dolphin Show em uma caça em 1980, em Taiwan, nas ilhas Penghu, resultou na morte de 60 golfinhos. Operações semelhantes a essa ainda ocorrem no mundo todo, do Japão até o México, de Iceland até Tailândia, Filipinas e Indonésia. É a lei da demanda e da procura pois os golfinhos inevitavelmente morrem nas minúsculas piscinas, e é inevitável que tenham que ser substituídos. (the rose-tinted menagerie)

III. A Caça e Captura

Estima-se que 40-50% de golfinhos em cativeiro nos EUA foram capturados pelas redondezas da Flórida e de Cuba. Apesar que os governo dos EUA afirma que não tem emitido permissão para captura de golfinhos selvagens desde 1989, parece que em prática, a última captura ocorreu em 1993 (Linda M.B. Paul).

A maioria dos métodos de captura de golfinhos é extremamente traumatizante, invasivas, stressantes, e potencialmente letais. No entanto, o método de captura considerado mais “humano” é o *seine-net*, que são capturas feitas usando redes e pequenos barcos que encurralam os golfinhos juntos e os circulam com as redes. Esse método é extremamente stressante *per se*, e causa a morte de muitos golfinhos que morrem enroscados nas redes. Esse processo é tão stressante que há seis vezes o risco de mortalidade nos primeiros 5 dias de cativeiro. Mesmo os golfinhos que são soltos também correm o risco de morrerem por causa de lesões e o alto stress a que foram submetidos. (HSUS)

Um outro método de caça comumente usado nos cetáceos oceânicos é o “*hoop netting*”. Esse método aproveita a tendência natural dos golfinhos de nadarem na frente dos barcos. O caçador usa uma vara com uma coleira na ponta que é colocado ao redor da cabeça do golfinho. Esse colar é agregado a uma rede, se o golfinho tentar escapar, é enroscado pela rede. O golfinho então é puxado a bordo.

Um dos métodos mais violentos e cruéis de captura de cetáceos para cativeiros é o *drive fishery*, usado primariamente em Taiji e Futo, no Japão. Essas caças envolvem pequenas frotas de barcos que encurralam os cetáceos em águas rasas. Os caçadores fazem barulhos na água batendo com varas de metais para confundir o sonar dos golfinhos. Quando encurralados, os caçadores pulam na água para escolher os melhores

espécimens para o cativeiro, e o resto são cruelmente degolados, que levam horas para morrer se debatendo na água completamente tingida de sangue.

Em 2003, 78 cetáceos foram vendidos para aquários e dolphinaria pelos caçadores de Taiji. A ilha Futo que não tinha caçado pequenos cetáceos desde 1999, e que tem um crescente setor comercial de observação de golfinhos selvagens, em 2005, retomou a caça envolvendo cerca de 100 golfinhos, aparentemente somente para abastecer aquários e dolphinariuns no Japão. 14 golfinhos foram vendidos para aquários, 5 foram mortos para “estudos científicos”, e pelo menos 4 morreram afogados em decorrência do pânico ao se enroscarem nas redes. O resto foram soltos para um destino incerto.

Cada golfinho morto nessas caças são vendidos por poucos dólares no mercado de carne ou de fertilizantes. No entanto, animais vivos são vendidos por mais de 10.000 dólares cada um. O grande lucro da venda de apenas alguns golfinhos fomenta a continuação do *drive fishery* e mantém empregos dos caçadores. Muitos dos animais adquiridos nesse drive fishery podem ser encontrados nos aquários no Japão e outros países na Ásia. Por exemplo, em 2004, Subic, na Filipinas, recebeu falsas baleias assassinas (*Pseudorca crassidens*) obtidas nas caças de Taiji. E isso não acontece somente na Ásia, mas também o EUA importou no passado cerca de 20 falsas baleias assassinas capturadas no *drive fishery*. Apesar que os EUA não têm permitido a importação de cetáceos por mais de uma década, o governo permite a exportação de animais, capturados nas águas dos EUA, para aquários no Japão que mantêm cetáceos capturados em *drive fishery*. (HSUS)

Além da violência e tortura que esses animais são submetidos, a retirada de golfinhos selvagens de seu natural habitat tem um substancial impacto negativo nos animais deixados para trás. Pesquisas no golfinho-roas demonstram a importância em se manter a comunidade de golfinhos unida, pois que certos individuais são importantes para a coesão e união do “pod”. Assim, se esses individuais são removidos de seu “pod”, este grupo pode perder a coesão e dispersar-se. Essa dispersão do grupo poderia trazer um risco de sobrevivências dos remanescentes animais pois um grupo coeso é de crucial importância para sobrevivência tanto na caça de comida como na defesa contra predadores.

Os golfinhos que sobrevivem a captura, ainda têm que sobreviver a terrível experiência do transporte e muitos não resistem ao trauma e morrem. Os animais são normalmente transportados dentro de jaulas de alumínio ou madeira, suspensos em macas irrigadas, que é para proteger os órgãos vitais que tornam-se bastante vulneráveis quando os golfinhos são retirados da água. Essa maca pode funcionar com uma “camisa-de-força” pois os golfinhos se debatem desesperadamente, por isso têm que ser sedados com Valium para se acalmarem. Aqueles que sobrevivem ao transporte são transportados para o seu novo habitat que pode ser um zoológico, dolphinarium, circos ou espetáculos ambulantes.

IV. O cativo

Por sua própria natureza, golfinhos não são adequados para a vida em cativeiro. Esses mamíferos marinhos percorrem centenas de quilômetros todos os dias, com uma velocidade em torno de 40 km por hora. Mergulham até 20 metros e podem permanecer submersos por volta de 15 minutos. Aquários e parques marinhos não têm a capacidade de recriar o habitat natural dos golfinhos. A água do tanque que mantém esses animais é geralmente quimicamente tratada e filtrada para evitar que eles nadem nas suas próprias fezes e urina. Se cloro é adicionado à água desses tanques, plantas e peixes vivos não podem ser colocados na piscina. Esse habitat artificial é muito distante das águas costeiras do Caribe ou Islândia, com algas, peixes, pedras, areia, e plantas. Enquanto que as piscinas de aquários são vazias, minúsculas, e quimicamente tratadas. As atividades naturais como nadar por longas distâncias, o convívio social, a caça por comida, e percepção acústica são perdidas com o confinamento. As paredes de concreto inibem os golfinhos de usarem suas habilidades acústicas.

O Professor especialista em cetáceos Giorgio Pilleri, diretor do Instituto de Anatomia do Cérebro, da Universidade de Berne, na Suíça, no seu estudo sobre cetáceos, concluiu: “Qualquer que sejam os esforços expendidos para manter-se cetáceos em cativeiro, este sempre irá apresentar problemas por causa da intrínseca contradição do

cativeiro : manter-se em condições apertadas criaturas que estão acostumadas a vasto espaços abertos.”

Golfinhos em cativeiro sofrem muitos problemas por causa da água quimicamente tratada. A “água salgada sintética” é composta por H₂O, sal, and ácido hydrochloric. É necessário um alta quantidade do sal para se alcançar a pressão osmótica idêntica ao habitat natural, mas por causa do alto preço do sal, normalmente não é aplicada a quantidade necessária, causando assim precário desequilíbrio na composição da água. Causando dessa forma muito desconforto aos golfinhos, tais como dilaceração, irritação de pele, e infecções nos olhos, e muitos outros problemas devido a má qualidade da água.

“Golfinhos cativos foram roubados de seu habitat natural” afirma Professor Piller. Tirar esses animais de seus habitat nada mais é do que tortura a esses animais, acostumados á beleza dos oceanos, nadando longas distâncias com velocidade de até 60 km, e confiná-los os em minúsculas piscinas de concreto”. O tédio do meio ambiente a que esse golfinhos cativos são submetidos é regra em todos aquários e parques marinhos. O oceano é multi-dimensional, com plantas interessantes, animais e paisagens. Golfinhos mantidos em cativeiro tornam-se psicologicamente deformados. De fato, Professor Piller acredita que o cativeiro, somado a destruição da sofisticada estrutura social dos golfinhos, causa um profundo distúrbio psicológico, um comportamento neurótico quase idêntico aos dos humanos mantidos em confinamento solitário. Além disso, o exacerbamento dos degradantes truques a que são obrigados a praticar em cativeiro, causa a perda de comunicação, desespero, comportamento suicida, e comportamentos não-naturais como agressividade causada por sentimentos de claustrofobia intensa. Esses desequilíbrios, acredita Pilleri, são aparentes não só na forma de comportamentos neuróticos e compulsivos , que são comportamentos sintomáticos de prisão, mas também na recusa da maioria dos cetáceos em se reproduzirem em cativeiro.

Há mais ou menos 20 anos atrás, o explorador e diretor de filmes Jacques-Yves Cousteau chegou a mesma conclusão depois de ver o seus golfinhos cativos cometerem suicídio. Esses animais, confinados para estudos, propositalmente bateram incessantemente suas cabeças contra a parede da piscina até morrerem. O que levou

Cousteau a recomendar que golfinhos não sejam retirados de seus habitat. Nas palavras de Cousteau, “A vida de golfinhos em piscinas causa a confusão de todo o aparato acústico, o que causa essa sensível creatura a um desarranjo no equilíbrio mental e comportamental. Além disso, a destruição de sua estrutura social produz uma crise espiritual interna”. O suicídio nunca foi observado no habitat natural, com exceção nas capturas de golfinhos selvagens quando alguns indivíduos entram em panico e parecem deliberadamente tirar suas próprias vidas durante a captura. Quando no cativeiro, alguns golfinhos selvagens “fazem greve de fome” e recusam-se a comer, e quando isso acontece eles são forçados a comer.

De acordo com Piller, uma vez em no cativeiro, cetáceos gradualmente começam a sofrer de um severo mutismo, cessam-se os sons de alta frequência e ecolocalização para orientação e comunicação. Ainda segundo professor Piller, os cérebros dos golfinhos encolhem até 42%, e as áreas responsáveis pela comunicação são as mais afetadas. Esse tipo de degeneração é inevitável, uma vez que os golfinhos não precisam usar ecolização para caçar pois são alimentados com peixes mortos. De fato, o cientista Russo Avenir Tomilin concluiu, em seus estudos de cetáceos, que o instinto e o reflexo natural de caçar torna-se tão suprimido em cativeiro, que o golfinho cativo não tenta caçar peixes vivos em sua piscina mesmo que esteja com muita fome. Além disso, estudos sugerem que as ondas de sons de alta frequência em piscina desorientam os golfinhos. Nas palavras do especialista em baleias, Dr. Petra Deimer: “se os golfinhos, em seu inato comportamento, usassem seu “olho acústico” numa piscina de aquário, eles se sentiriam como que um homem se sentiria em um labirinto de espelhos”.

V- A falácia de fins educativos e conservacionistas

Quando o Congresso norte Americano elaborou o Marine Mammal Protection Act in 1972, os membros do congresso promoveram a visão de que a pública exibição de animais em zoológicos e aquários servem a um propósito necessário de educação e conservação. Consequentemente, muitas leis domésticas, acordos regionais e acordos

internacionais, incorporaram esse ponto de vista de que a captura está proibida, com exceção para fins de educação e conservação. Leis domésticas e internacionais incluem específicas provisões que suportam o cativeiro de mamíferos marinhos com o propósito de exibição pública.

Essa plataforma foi adotada sem o benefício de pesquisa científica. De fato, Centros Marinhos que exibem mamíferos marinhos, normalmente usam esses animais em espetáculos fazendo truques que nada tem haver com o seu comportamento natural. Como por exemplo, golfinhos usando gigantes óculos em sua cabeça, ou tendo seus dentes escovados por escovas gigantes, ou ainda “cantando” uma versão de parabéns para você. Quase nada é ensinado a respeito do comportamento natural, ecologia, demografia, ou distribuição de população de golfinhos durante esses espetáculos marinhos. Aliás, parques marinhos evitam fornecer informações a respeito da história natural ou como esses animais vivem em seus habitats naturais. Assim, manter-se animais em cativeiro não presta-se a fins educativos, pois em vez de sensibilizar os visitantes acerca dos mamíferos marinhos e seu habitat, os tornam insensíveis á intrínseca crueldade de se retirar golfinhos de seu habitat natural para o cativeiro. Esse tipo de atividade encoraja o público a considerar a vida selvagem como objetos isolados ao invés de elementos integrais de um ecossistema que tem o seu intrínseco valor.

VI - Leis Internacional de Proteção e Acordos internacionais

VII Extensão dos Direitos Fundamentais aos Golfinhos